



UNOPAR

**Universidade Norte do Paraná**

---

SISTEMA DE ENSINO PRESENCIAL CONECTADO  
ESPECIALIZAÇÃO EM AFRICANIDADES E CULTURA  
AFROBRASILEIRA  
PAULO HENRIQUE PAIVA DOS SANTOS

**AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS AFRICANAS NA  
SOCIEDADE BRASILEIRA:**

A influência do candomblé na formação da cultura baiana.

---

SALVADOR  
2016

PAULO HENRIQUE PAIVA DOS SANTOS

**DESENVOLVIMENTO DE ESTUDOS SOBRE AS  
MANIFESTAÇÕES CULTURAIS AFRICANAS NA  
SOCIEDADE BRASILEIRA:**

A influência do candomblé na formação da cultura baiana.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Norte do Paraná - UNOPAR, como  
requisito parcial para a obtenção do título de Especialista  
em Africanidades e Cultura Afrobrasileira.

Orientador: Prof. Angélica Lima Barboza.

SALVADOR  
2016

SANTOS, Paulo Henrique Paiva. **Desenvolvimento de estudos sobre as manifestações culturais africanas na sociedade brasileira: a influência do candomblé na formação da cultura baiana.** 2016. 10 folhas. (Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Africanidades e Cultura Afrobrasileira) – Centro de Ciências Empresariais e Sociais Aplicadas, Universidade Norte do Paraná, Salvador, 2016.

## **RESUMO**

O presente artigo propõe discutir acerca da religião de matriz africana, candomblé, desde suas raízes, visando estabelecer uma breve relação entre sua formação e sua influência na construção da cultura baiana, dessa forma, procuramos discutir conceitos de cultura, partindo de concepções de alguns autores, pensando nesse objetivo, se fez uso de artigos científicos, pesquisas em terreiros de candomblé, além de observação de cerimônias religiosas, festejos populares e visitaç o museol gica, toda constru o do trabalho visa como resultados principais, a desconstru o de uma vis o deturpada do candombl , do auto-pertencimento a essa cultura que foi disseminada em nosso pa s, e da sua contribui o na forma o da identidade cultural de nosso estado e cidade. Com o estudo, se percebe claramente que a cultura africana contribui significativamente na constru o da forma o da cultura brasileira, e todas as pesquisas realizadas possui relev ncia significativa para o entendimento e conhecimento acerca da nossa cultura como um todo, sendo a religião de matriz africana, candombl , um produto desta, contribuindo assim, para novas concep es e saberes, auxiliando no combate a intoler ncia religiosa, secundar para que todos os brasileiros se sintam pertencentes a essa cultura que foi disseminada em nosso pa s, e hoje faz parte da forma o da nossa identidade cultural.

**Palavras-chave:** Candombl . Festejos. Cerim nias. Identidade. Forma o.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>DESENVOLVIMENTO.....</b>	<b>6</b>
<b>3</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>14</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>16</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>17</b>
	<b>ANEXO A – 16 principais orixás cultuados na Bahia.....</b>	<b>18</b>
	<b>ANEXO B – Festas de largo que fazem associação com o Candomblé.....</b>	<b>20</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais vivemos, em nossa sociedade, grandes problemas em decorrência á impregnação da intolerância religiosa, principalmente no que diz respeito aos cultos de matriz africana, pensa-se que tal problemática se dissemina devido a falta de conhecimento e a um elevado estagio de preconceito racial, previamente imposto pelo processo de escravização, cujo dá referência de que essa é uma religião de negros, fazendo dessa forma associação aos cultos com anjos malignos “diabo”, assim, ainda está instituída uma guerra civil-religiosa em que os cultos são comumente desrespeitados e os seus devotos sofrem constante violência de varias espécies, que evidenciam atos de intolerância religiosa acontecem constantemente em todo o Brasil.

Dessa forma, o presente artigo versa acerca dessa problemática, discutindo a importância do culto, candomblé, na formação da cultura baiana, tendo como objetivo principal, o levantamento de questões que levem a reflexão de que sua existência possui grande influência sobre a identidade cultural de nosso povo, viabilizando o entendimento acerca da religião de matriz africana, sua formação e existência, contribuindo de forma significativa, para que cada indivíduo, independente de credo, sinta-se pertencente a essa cultura, e para que os conceitos expostos aqui contribua para á abolição da intolerância religiosa. Partindo dessa vertente, o presente artigo analisa desde o conceito de cultura, manifestações culturais, surgimento do candomblé na Bahia, até sua atual existência e cultos, discutindo e exemplificando as relações existentes entre seu culto e a cultura do povo baiano.

## 2 DESENVOLVIMENTO

Pensa-se que onde há vida, inerente a existência humana, há cultura, e determinada cultura é histórica partindo do ponto de vista de que toda nação possui sua própria história, desde o que diz respeito á seu surgimento territorial e urbano, até sua formação de povos e seus costumes, levando dessa forma a construção de culinárias, vestimentas e cultos religiosos.

Entretanto, os bens patrimoniais são materialidades e práticas culturais que se destacam no tecido urbano e nas manifestações populares por medirem diferentes e memoráveis fatos históricos e personagens ilustres, ou por representarem heranças culturais, técnicas e estéticas de tempos passados. (SOCORRO, 2008, p. 8).

Assim, é importante definir que a religião de matriz africana, em suma, como no caso em estudo, o candomblé, apresenta características que evidenciam sua relação com a história de nosso povo, pois representa em sua estrutura fatos e personagens históricos, segundo suas tradições, podendo dessa forma compreender que se deve preservar sua existência e sua influência na formação da cultura baiana, e sua representatividade enquanto patrimônio cultural, já que “o termo ‘patrimônio’ – em inglês, heritage- refere-se a algo que herdamos e que, por conseguinte, deve ser protegido”. (SOCORRO, 2008, p. 7 apud, OLIVEN, 2003.p.77). O culto do candomblé apresenta em sua estrutura a inspiração em lendas, de origem africana, ao orixá, em que se dá por meio dessa, crenças aos orixás que possui em seu culto relação direta com a natureza, e sua representação é feita através desses elementos, que por sua vez possui sua energia emanada ao corpo do sacerdote, que passa pelo ócio de transi e representa a energia do orixá incorporado, através de danças, conversas, rezas e cânticos, e toda essa crença representativa torna-se suficiente para que se possa definir o candomblé como um patrimônio cultural imaterial.

“São considerados bens patrimoniais imateriais as manifestações das culturas populares, festejos tradicionais, rituais, técnicas produtivas, cantos, contos, lendas, além de hábitos, costumes e crenças de uma determinada sociedade”. (SOCORRO, 2008, p.).

Como se pode perceber, o culto ao candomblé é cercado de costumes e tradições, que influenciam direta, ou indiretamente na cultura baiana, a exemplo disso, daremos referência aos festejos baianos que se relacionam diretamente ao culto, tanto na sua estrutura estética como em sua culinária, os traços candomblecistas possuem relação com os festejos baianos, podemos então citar, a festa de Santa Bárbara que reúne não somente os devotos católicos como os candomblecistas, e tem como culinária principal o caruru, comida da culinária africana também servida nos cultos ao orixá, acompanhada de celebrações com samba de roda que remetem os movimentos dos orixás, já que possuem em sua estrutura coreográfica traços da africanidade, assim como a festa do Senhor do Bonfim, Festa do São Lazaro, Conceição da Praia, e essa relação é que forma a identidade cultural baiana.

“As festas culturais são traços de um conjunto etnográfico da história e da cultura de todos os povos, em todos os níveis de classes sociais. Assim, as manifestações étnicas entre negro, índio e branco resultaram em um alicerce etnográfico comum a todo território com suas tradições de ordem religiosa e social, firmadas no Brasil.” (SOCORRO, 2008, p.3).

Toda essa representação possui grande influência na formação da identidade cultural do povo baiano, sua aparência, sua culinária, seu modo de ver o mundo, sua conexão com a natureza, sua formação hierárquica, suas danças, suas rezas, seus cânticos, suas ideologias e seus fundamentos.

“Pode-se dizer que o fato culinário, o jogo das aparências, os pequenos momentos festivos, as deambulações diárias, os lazeres não podem ser considerados elementos sem importância ou frívolos da vida social.” (SOCORRO, 2008, p.5 apud MOESH, 2002, p.45).

Além de toda essa relação com as manifestações culturais, é possível perceber que o candomblé possui relação também no fazer artístico, e hoje, com a implantação da lei 10.639/03, no fazer educacional, ainda que mesmo com a lei em vigor, a prática não seja comum, essa não é uma problemática em estudo, porém se pode identificar exemplos reais de que o candomblé, atualmente possui, também, uma grande representação artística, a exemplo disso, podemos citar o Ballet Folclórico Da Bahia, criado em 1988 por Walson Botelho e Ninho Reis, que apresenta em suas coreografias, técnicas com temáticas relacionada a dança dos

orixás e possui grande representação artística na Bahia, e já tem seu nome reconhecido mundialmente, levando para outros países a história dos Orixás, com isso reproduzindo o saber acerca da nossa cultura.

“E por meio das observações e das interpretações dessas manifestações populares, que se torna possível descobrir os códigos, as regras e os estatutos que constroem o ensinar e o aprender da diversidade da nossa cultura e conseqüentemente, o desenvolvimento da nossa identidade.” (SOCORRO, 2008, p.15 apud TRIGUEIRO, 2007, p.13).

O surgimento da cultura, então, se dá desde o nascimento da humanidade, onde há pessoas, há uma relação cultural estabelecida entre os povos que habitam determinado local, no entanto, determinada cultura sofre modificações com o decorrer do tempo, e passa ser histórica, e essa historicidade, por sua vez, é o que contribui para o fortalecimento cultural, além de criar novas possibilidades de manifestações culturais, a cultura então é a cara de um povo, é a identidade de uma nação, é o que revela sua autenticidade, como se pensa Brandão a cultura é livre, livre de interpretação, limitações, assim como nossa própria imaginação, segundo Brandão a cultura se difere completamente de uma economia, e nenhum indivíduo possui poder sobre ela e diante desse universo múltiplo cultural, tudo é possível, pois a cultura surge da imaginação, e deve ser respeitada. A cultura candomblecista está enraizada não apenas nos festejos, mas, além disso, esta na rotina do povo baiano, no dia a dia, na cultura de banhos de folhas, de uso de alho contra olho grosso, roupas vermelhas para evitar mal olhados, banho de colônias. O candomblé vai desde os cultos internos até o lar do baiano que não se diz candomblecista e em alguns casos fazem parte de outros grupos religiosos.

“Quase o mesmo que festa, caruru é um bom motivo para reunir amigos, devotos e familiares, e, juntos celebrar datas pessoais ou coletivas e partilhadas, como aquelas que evocam Santos populares.” (SOCORRO, 2008, p.18 apud LODY, 2007, p.23).

Uma das ligações mais fortes do candomblé com outras culturas, e que contribui para proliferação de suas ideologias pelo mundo á fora, é o sincretismo feito entre os Santos católicos e os Orixás do culto, seria então uma fusão entre uma doutrina e outra, cada uma com sua reinterpretação própria, o que apesar de não significar a devoção ao mesmo Santo, tal relação contribui significativamente para que ambas as doutrinas sejam disseminadas nos manifestos



culturais baiano, influenciando na formação cultural da Bahia, segundo Verger, o Santo Católico São Jerônimo é cultuado no candomblé como Sangô, o Diabo como Esú, Ogum como Santo Antônio, São Jorge como Osóssi, São Roque e São Lazáro como Omolú, Nossa Senhora das Candeias como Osum, Nossa Senhora do Rosários como Iemanjá, Santa Barbára como Yansán, Sant'ana como Naná. É esse sincretismo que torna as manifestações mais plural e ecumênica, como na Lavagem do Senhor do Bonfim, que acontece á cada ano no segundo domingo após dia de Reis, onde reúne os devotos católicos que fazem culto ao Senhor do Bonfim, Deus, e os candomblecistas que faz culto a Osalá, com seus banhos de folhas, pipocas, alfazemas, consulta de jogo de búzios, dando boas vindas ao ano que se inicia e celebrando de forma ecumênica a paz, a festa possui grande movimentação, o cortejo que percorre toda cidade baixa, desde a igreja da Nossa Senhora da Conceição da Praia, a qual segue até a praça da igreja do Bonfim, o cortejo é cercado de beleza e magia, muita fé e alegria toma conta de todo o circuito, enquanto os católicos lavam a igreja do Senhor do Bonfim, os candomblecistas Carregam as águas de Osalá, e como cita Coceiro, naquele momento de fé e devoção, aquilo que não se dizia africano, passa a ser africano.

Manifestações de Fé que se traduzem em festas populares implicam a produção de vestimentas, músicas, comidas, objetos específicos para a celebração cultural, que levam brilho, som, cor e sabor para os participantes. (SOCORRO, p.21).

Festas como essa que ocorrem em nossa cidade, reúnem não apenas devotos baianos, como turistas, pessoas de outros estados e até países, apreciam a beleza e devoção que cerca o festejo, participam do culto, tomam banho de pipocas como o povo baiano, se banha com água de flor, fazem votos e pedidos, passam a fazer parte dessa terra acolhedora, que apesar de sua identidade cultural autêntica, abre portas para que outras culturas se reúnam em um só objetivo, que é praticar a paz, em suma, entre as religiões. Todas essas movimentações são efeitos que resumem o conceito de cultura, e define de maneira generalizada a relação fluente do candomblé com todo o fazer baiano, desde suas experiências do dia a dia, até a imaginação individual e coletiva, cada pensar ou fazer, influenciam diretamente na formação cultural de um povo, como segundo Gadiner, que a cultura surge partindo de três elementos históricos que instituem a vida social: experiência, sobrevivência, imitação e imaginação.

Nesse aspecto, o candomblé institui uma cultura, que possui influência sobre a formação de outra cultura, a baiana. Suas lendas dão nascimento a uma longa história vivida por pessoas que permeio sua fé procuram a religião, uns como forma de resolução de alguns problemas sociais, outros para dá segmento a sua cultura familiar, encantados pelas lendas que contam a história dos Deuses africanos, procuram seguir o culto acreditando que a representação desses Deuses lhe tornará um individuo melhor, mais forte e feliz. Feliz como Esú, que segundo Verger, é o Orixá da alegria, da existência, Esú é o principal mensageiro entre o Orun (Céu) Ayíé (terra), é inicio e o fim, a benevolência e a malevolência, está em todos os caminhos e encruzilhadas, forte como Ogun, guerreiro das demandas, o soldado guardião da terra, criador das ferramentas de metais, farto e ágil como Osóssi, que caça para seu próprio sustento, o verdadeiro caçador de uma flecha só, que a ele nada lhes falta, ser guardião de segredo como Ossain, que detem o mistério das folhas, saudável e misterioso como Omolu, que detém todo o controle das doenças, guardião da chagas, possui consigo a generosidade, ter o brilho e a riqueza de Osumaré, ser justo e está protegido sobre a justiça do Rei de Óyó, Sangó. Ser guerreira, firme, e ágil como Yansá, que vai a guerra com todos os seus guerreiros esposos, possuir o brilho, a fertilidade, o amor da Rainha das terras de Ijexá, Osum, possuírem sobre seu destino a flexibilidade da balança de Logunede, possuir o controle da vida e da morte como Naná, não se perder dos olhos gurreiro de Obá, nem perder o brilho emanado da Deusa Iyewá, ser e ter o amor materno de Yemanjá e carregar a honra de disseminar a paz na terra como Osálá, os adeptos afirmam que a energia emanada da natureza é de onde surge o Orisá, que vai além da imaginação e do amor , que cada sacerdote possui motivos e provas para acreditar que a mesma natureza que nos permite viver é a que da vida ao Orisá e nos permite, em sua representação, lembrar e reviver os costumes dos nossos antepassados, desde a severidade do culto, a hierarquia, pois a casa de Asé é regida por um membro maior, o Zelador de Santo, ou Babálorisá que é quem cuida do Orisá e quem é o maior responsável por seus cultos e quem nomeia com cargos outros responsáveis para cuidar dos segredos do Orisá, como a Ojuboná que é mãe criadeira de Yawos (iniciados na religião), Axogun, pessoa responsável por cortar para os Orisás da casa, Ekedí que se responsabiliza em zelar pelas roupas do Orisá, e dessa forma é composta a hierarquia da casa, que tem inicio desde a pré iniciação, que é quando um adepto passa a freqüentar a casa e não participa de

nenhum ato, esse recebe o nome de Abian, depois os Yaôs, que após iniciado passam a respeitar com rigor a hierarquia da casa e a ordem do barco em que foi iniciado, sendo o primeiro deles o Dofono, e de forma decrescente, Dofonitinho, Fomo, Fomotinho, Gamo, Gamotinho, Vimo, e quando ultrapassado o número de sete sacerdotes, o oitavo volta a ser Dofono e segue a contagem, o Yaô após iniciado passa por um severo resguardo, como não consumir bebidas alcoólicas, não praticar relações sexuais, não participar de festas de largo, não sentar em qualquer lugar, sentar no baixo, não cortar ou usar produtos químicos no cabelo, não usar roupas de cor, até sua primeira obrigação de um ano, chamada de Odú kini, momento em que o Yaô reafirma os votos e fidelidade a casa e nação em que foi iniciado, passado os três anos de iniciação o sacerdote se submete a uma nova obrigação, Odú Ketá, momento em que o sacerdote apesar de ganhar grau na casa de Asé, permanece Yaô até completar os sete anos de iniciado e cumprir com a obrigação de sete anos, Odú Ejé, momento que é nomeado com algum cargo pela zeladora ou zelador de santo, e se considera pronto para seguir com suas próprias pernas a vida dentro do candomblé, em alguns casos, poderá dar continuidade a sua nação, abrindo outra casa e tendo filhos de santo.

Mesmo com tantas restrições que o sacerdote é submetido em amor e devoção ao Orisá, eles garantem que todo esse esforço é gratificante, já que cada Orisá para o qual cada um é iniciado, possui grande influência sobre os elementos da natureza e é capaz de interferir de forma benevolente na vida pessoal de cada um dele, contribuindo e auxiliando-o na realização profissional, no amor, na alegria, na saúde, na força e com proteção à violência e inimigos.

Cada sacerdote iniciado é responsável e aprender rezas e cânticos relacionados a seu Orixá, além aprender a coreografia dançada por cada um deles, que segundo eles facilita no processo de evolução do Orixá em momento de transe, deve aprender também nomes de objetos e saudações em uma língua como a da sua nação de origem, que na maioria das casas se usa o Yorubá, cada sacerdote deve zelar também pelas roupas usadas pelo seu Orixá, além de ter cuidados específicos com Ybá do santo, que segundo eles são utensílios, similares aos domésticos, que servem como representação do Orisá, objetos que recebem o Asé, e comem permeio a energia do éter, que segundo o Babalorisá Paulo de Omolu, psicólogo e patriarca do Ilê asé Iji Joale Tomi, seria a capacidade que cada Ybá, ou qualquer utensílio relacionado ao Orixá, ou o próprio Orixá, possui de se alimentar

através da energia emanada por cada alimento, bebida ou animal sacrificado, que segundo ele é hoje um dos maiores desafios do candomblé com a sociedade, que recrimina o ato do sacrifício com animais para o culto, porém a comunidade candomblecista afirma que o animal sacrificado é servido para os visitantes nos momentos festivos, a faz ainda, relação com o alimento consumido pelas pessoas no dia a dia, com uma única e primordial diferença, a fé depositada no ato de sacrificar, que segundo os devotos não se pode dá vida ao Orixá sem esse sacrifício que existe desde o surgimento e indícios das primeiras nações na Bahia e em todo o Brasil, toda essa hierarquia e culto a diversos Deuses é uma característica e indicio, inclusive, da ação do candomblé Jeje, que segundo Coceiro foram os primeiros traços do candomblé identificado na Bahia.

Na cidade, predominavam os “indivíduos” praticantes do candomblé, mas que não lideravam hierarquia complexa alguma, desenvolvendo praticas de “exorcismo” e de “cura”, cultuando uma única entidade. Já nas roças ao redor da cidade, para onde escravos fugidos seguiam com maior freqüência e onde se localizavam quilombos diversos, estavam os candomblés com uma hierarquia mais complexa e o culto de mais de uma divindade espiritual. Trata-se, mais uma vez de um traço do culto religioso Jeje. (COCEIRO, p.21)

Assim sendo, toda formação cultural que compõe o candomblé baiano e possui grande influência na formação cultural baiana, idealiza e origina-se com da matriz africana, que segundo Oliveira idealiza á África como terra mãe, que emana de forma natural sacralidade e energia para que se possa dá vida aos Orixás, dessa forma, construindo e reproduzindo com maior fidedignidade o candomblé baiano, que apesar de sofrer mudanças devido ao processo de adaptação das comunidades em que está inserido, ainda se trata de uma forma prioritária de viajar até a África e trazer para Bahia a historia de seus povos.

O culto ao candomblé expressa as mais evidentes semelhanças entre as gentes do Benin e da Bahia de todos os Santos. Ainda que a cultura seja uma manifestação dinâmica que se adapta ao tempo e ao meio, falar de candomblé na Bahia atual é, de alguma forma, transportar-se para África loruba. (OLIVEIRA. p.6)

O candomblé, que segundo Oliveira foi trazido para o Brasil pelos escravos africanos na época do império, cultuados e vindos de Congo, Angola, Moçambique e Sudão, até os dias atuais é disseminado de acordo com as tribos em que se se originou, Nações Jejes, Keto, Bantu, Male, Mina, Ijexá, Angola, entre

outras.

São essas nações de culto ao candomblé que acrescenta cor, sabor, magia, fé, imaginação e alegria ao povo baiano, contribuindo, então, para a formação cultural baiana, de forma que essa cultura não perca sua essência identitária, mas não se distancie da modernidade do povo baiano, e das mudanças, que de certo modo contribuem de forma significativa para evolução de todo o povo que á constitui, podendo estabelecer relação entre o novo e o antigo, o profano e o sagrado, o homem e a natureza, a natureza e o orixá, o sacerdote e o orixá, Sangô e São Jerônimo, Esú e o Diabo, Ogum e Santo Antonio, Osossi e São Jorge, Omolú e São Lazaro, ou São Roque, Osum e Nossa Senhora das Candeias, Iemanjá e Nossa Senhora dos Rosários ou da Praia, Iansã e Santa Barbara, Naná e Sant"na, Senhor do Bonfim e Osalá, Candomblé e Bahia, é permeio tais relações que a religião de matriz africana, candomblé, influencia na formação da cultura baiana.

### 3 CONCLUSÃO

O candomblé possui significativa influência na formação da cultura baiana, seus modos e costumes formam um conjunto de manifestações culturais que dão vida a existência da cultura afrobrasileira na Bahia, assim como o sincretismo religioso, as comidas, as danças, a linguagem utilizada pelos adeptos, as roupas, as datas comemorativas, os movimentos religiosos, as lendas que dão inspiração a fé candomblecista, a própria natureza e seus elementos contribuem para que o candomblé esteja presente na formação cultura baiana, já que nenhum indivíduo vive sem água, terra, ou ar, logo torna-se inquestionável afirmar que exista relação entre o candomblé e toda a identidade cultural baiana, e ainda que, esse culto influencie em sua formação, se pode constatar isso nas próprias festas de largo, comidas consideradas típicas e os próprios costumes da população.

É necessário que todo povo se conscientize dessa influência, e aceite essa unificação cultural, respeitando e exterminando por vez a intolerância religiosa impregnada na Bahia e no mundo, o que não significa fazer parte do culto ou se tornar sacerdote, apenas que se sinta pertencente a essa identidade, já que a mesma constitui em um resgate da cultura que colaborou para construção de nosso estado, inclusive para emancipação do mesmo, livrando-nos de uma realidade cruel, de dor, em que fomos submetidos durante anos, logo se espera que todos os argumentos propostos no presente artigo possam contribuir para tal conscientização, livrando o povo de santo de qualquer ação intolerante, e fazendo-nos sentir pertencente a essa cultura. Levando em conta o que foi observado, e estudado, um dos aspectos que mais contribuem para não aceitação do candomblé como produto do resultado da formação cultural baiana, é associação maligna com que é feita, além da falta de conhecimento acerca do culto.

Durante as pesquisas e observações se pode observar que algumas informações do culto não são passadas adiante, devido aos mistérios exigidos em seu culto, porém se pode constatar que essa também é uma problemática que contribui para as associações malevolentes construídos em torno da religião, e que o contar um pouco sobre a história e o culto do candomblé, pelos próprios adeptos pode contribuir para extinção da falta de informação de dissemina a intolerância religiosa e o afrontamento de outros grupos religiosos com os candomblecistas, por conseguinte então, o presente artigo atingiu á todos os objetivos da pesquisa e

aponta como solução acerca da problemática discutida, além das já expostas, que o povo de santo não se silencie, continue disseminando sua fé, Asé (força), por todos os cantos da Bahia, que sem dúvidas, diante todas as pesquisas realizadas, é de todos os Santos, que leve adiante o nome de resistência e empoderamento que é o de cada nação pertencente, e cada sacerdote, o Urunkó (nome de Santo) no peito, como o escudo do guerreiro Ogum, para por fim aos desajustes culturais causados pelo preconceito, intolerância religiosa, e o não reconhecimento cultural, que causa doença social, podendo, então, por fé na cura regida pelo Rei Omolu, que segundo o culto é capaz de exterminar todas as mazelas psíquicas, emocionais, por fim em toda desigualdade religiosa e cultural.

## REFERÊNCIAS

SOCORRO, Mércia Ribeiro Cruz. **Festas Culturais: Tradições Comidas e Celebrações**. Ed 1. Salvador: Ibecult, 2018.

PARÉS, Luiz Nicolau. **A formação do Candomblé: História e Ritual da Nação Jeje na Bahia**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

OLIVEIRA, Diovana Ferreira. **A reinvenção do Candomblé em Pierre Verger: Uma análise de Fluxo e Relfuxo**. Uberlândia: Editora da Faculdade Católica da Urbelândia, 2009.

VERGER, Pierre. **Notícias da Bahia**. Tradução Maria Aparecida da Nóbrega. Salvador, BA: Corrupio, 1999.

BEATRICE, Rodrigo Ferronato. **A educação como cultura**. Passo Fundo: Eitora Revista Espaço Pedagógico, 2009.

OLIVEIRA, Erivan de Moraes. **As diferentes formas de olhar: O Candomblé de Pierre Verger e José Medeiros**. São Paulo: Editora da Faculdade Cásper Líbero, 2008.

SOCORRO, Mercia Ribeiro. **Festas Culturais: Tradições, Comidas e Celebrações**. São Paulo: Editora da Faculdade Cásper Líbero, 2008.



## **ANEXOS**

ANEXO A – 16 principais orixás cultuados na Bahia.



**Esú**



**Ogun**



**Osóssí**



**Ossain**



**Omolú**



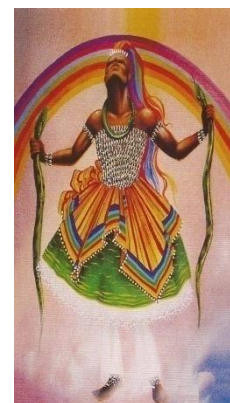
**Sangó**



**Logun Ede**



**Osalá**



**Osumaré**



**Osum**



**Naná**



**Iemanjá**



**Obá**



**Ewá**



**Iroko**



**Ibeji**

ANEXO B – Festas de largo que fazem associação com o Candomblé.



**Festa de São Lazáro**



**Lavagem da Igreja do Bonfim**



**Festa de Santa Barbára**



**Festa de lemanjá**